



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE LAVRAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TATIANE REGINA DE ASSIS SOUSA

**DAS FRONTEIRAS DO DIVÃ: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE
E O ATENDIMENTO A DISTÂNCIA**

**LAVRAS-MG
2020**

TATIANE REGINA ASSIS SOUSA

**DAS FRONTEIRAS DO DIVÃ: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE
E O ATENDIMENTO A DISTÂNCIA.**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de Lavras como parte das exigências da disciplina de Seminário de Pesquisa, curso de graduação em Psicologia.

Orientador: Ismael Pereira Siqueira.

LAVRAS-MG

2020

Ficha Catalográfica preparada pelo Setor de Processamento Técnico da
Biblioteca Central do UNILAVRAS

Sousa, Tatiane Regina de Assis.

S725f

Das fronteiras do Divã: algumas reflexões sobre a psicanálise e o atendimento a distância/ Tatiane Regina de Assis Sousa. – Lavras: Unilavras, 2020.

31f.

Monografia (Graduação em Psicologia) – Unilavras, Lavras, 2020.

Orientador: Prof. Ismael Pereira Siqueira.

1. Psicanálise. 2. On-line. 3. Técnica. 4. Ética. I. Siqueira, Ismael Pereira (Orient.). II. Título.

TATIANE REGINA DE ASSIS SOUSA

**DAS FRONTEIRAS DO DIVÃ: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE
E O ATENDIMENTO A DISTÂNCIA**

Monografia apresentada ao Centro Universitário de
Lavras como parte das exigências da disciplina de
Seminário de Pesquisa, curso de graduação em
Psicologia.

Orientador: Ismael Pereira Siqueira

APROVADO EM: 20/10/2020



Prof^ª. Ms. Cleonice de Faria Barbosa - UNILAVRAS – Presidente da Banca



Prof. Ms. Ismael Pereira Siqueira – UNILAVRAS - Orientador



Prof^ª Dra. Magali Milene Silva/Professora Convidada

LAVRAS-MG

2020

*À Deus pela força e discernimento em todos os momentos de minha vida.
À minha tão amada avó e aos meus tão amados pais, que sempre me incentivam
perante os desafios na jornada pulsante da vida. A eles, que são minha maior fonte de
inspiração para ultrapassar os desafios e a luz que conduz minha trajetória.
Aos meus tão amados irmãos, suporte fundamental. Não há palavras para agradecer
a lealdade e cumplicidade em todos os momentos.
Aos meus amados tios e primos. Em especial aos meus tios Márcia e Marcelo e aos
primos Ignácio e Lourenço.
Ao José Luciano Bougleux, meu amado namorado e referência afetiva em tantos
momentos especiais para mim.
Às amigas de longa data que tem sido vínculos de afetos que me amparam nos
momentos alegres e difíceis. Em especial Maria Gabriela Borges, Renata e Keren
Oliveira.
À professora Magali Milene Silva, referência mais vívida e pulsante que pude
conhecer no campo psicanalítico. Meus mais sinceros agradecimentos pela
generosidade e suporte que me impulsiona nos desafios.
Ao Orientador dessa pesquisa Ismael Pereira Siqueira, às professoras Cleonice
Barbosa e Paula de Deus pelo amparo afetivo e acolhimento de sempre nessa
trajetória.*

Tatiane Regina Assis Sousa

AGRADECIMENTO

Agradeço ao UNILAVRAS pela oportunidade de vivenciar a experiência mais intensa e cheia de desafios que pude compartilhar com pessoas tão incríveis. Às pessoas que pude conhecer, aos lugares que pude estar, às experiências que me marcaram eternamente. À professora Magali Milene Silva, agradeço imensamente pelo suporte em momentos preciosos de meu percurso acadêmico, como o início da vigente pesquisa. Agradeço ao Laço Analítico Escola de Psicanálise de Lavras MG, lugar onde a pesquisa foi realizada, e que possibilitou experiências tão significativas e marcantes em minha trajetória na Psicanálise. Agradeço ao professor Ismael pela dedicação e afeto com que trata seus alunos, em especial por ter aceitado a orientação da vigente pesquisa. Meus mais sinceros agradecimentos ao corpo docente do curso de Psicologia UNILAVRAS, pela competência e afeto com que transmite o conhecimento aos seus alunos. Agradeço aos meus colegas de curso que contribuíram para que meu caminho na graduação fosse repleto de ricas experiências.

A que silêncio deve agora obrigar-se o analista para evidenciar, acima desse pântano, o dedo erguido do São João de Leonardo, para que a interpretação reencontre o horizonte desabitado do ser em que deve se desdobrar sua virtude alusiva?

Jacques Lacan

(1958/1998)

RESUMO

A presente pesquisa visa delimitar eixos técnicos fundamentais da teoria Psicanalítica, a fim de tecer debates frente às possibilidades de atualização do *setting* clínico em meio a modalidade de atendimento *on-line*. Para tanto, utilizamos a metodologia de entrevista semiestruturada aplicada em Psicanalistas da cidade de Lavras-MG, objetivando investigar a posição dos mesmos sobre a temática e os princípios éticos que balizaram os conteúdos incluídos nos relatos. A partir dos resultados contidos no entrecruzamento da prática com a teoria, elencou-se três categorias de análise que foram discutidas em um desenvolvimento teórico argumentativo, sendo elas: Entrevistas Preliminares; Transferência; Posição do Psicanalista (ética). Concluímos que o manejo desses dispositivos técnicos são centrais para a atualização do *setting* analítico no enquadre virtual, sendo a composição da função transferencial seu fundamento direcionador. Analogamente, visamos tecer reflexões sobre às vicissitudes técnicas no contexto de tratamento a distância em uma perspectiva pós-pandêmica, isto é, em um âmbito onde atendimento *on-line* e presencial são possibilidades concomitantes e concorrentes.

Palavras-chave: Psicanálise. *On-line*. Técnica. Ética.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MATERIAL E MÉTODO	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	16
3.1. As entrevistas Preliminares.....	17
3.2. A Transferência.....	22
3.3. Posição do Psicanalista (ética).....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	30
ANEXOS	31

1. INTRODUÇÃO

Parte-se da premissa que todo imaginário social estabelece modelos de como advir enquanto identidade. Não diferente, a era digital surge a partir de sistemas de crenças que modulam os formatos de acesso às ferramentas tecnológicas, relativizados a partir dos ideais globalizados de cada cultura (RUDIGER, 2012). Nesse sentido, os objetos virtuais surgem não somente como mediadores, mas como suporte das relações humanas ao se incorporarem nas esferas laborais e afetivas dos sujeitos.

A globalização orienta disciplinas que objetivam, via de regra, a facilitação de processos, ofertando dispositivos cada vez mais rápidos como, conectividade, simultaneidade, instantaneidade e hiperexposição. Não somente, as tecnologias consagram-se por serem também consideradas artigo de consumo nas relações e trocas entre os indivíduos e, em função de sua praticidade e reprodutibilidade técnica, adquire um aparato essencialmente correlacionado aos meios de produção, ecoando na intimidade da experiência subjetiva contemporânea.

Por outro lado, na perspectiva de Siqueira e Russo (2018) as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm causado impacto na estrutura clínica já conhecida, o tradicional *setting* terapêutico. Assim, é relevante considerar que as tecnologias tem permitido ao homem redimensionar as fronteiras sensoriais da experiência, propiciando a criação de novos espaços de comunicação e interação entre os pares, principalmente, quando a presença física não se faz possível. As novas categorias de intervenções mediadas por tecnologias podem acarretar relevantes benefícios para a práxis clínica como, maior disponibilidade, acessibilidade, baixo custo, conveniência, privacidade e redução de estigma (PIETA et al., 2015).

Os exemplos desses benéficos são inúmeros, como em casos de pacientes que precisam dar continuidade no tratamento e que, no entanto, necessitam de se deslocar para outra localidade (mais distante) ou viajar durante longos períodos. Igualmente, em casos onde há a impossibilidade de locomoção devido às deficiências físicas, crises sanitárias, doenças transmissíveis entre outros exemplos que denotam casos isolados nos quais o atendimento presencial não se faz alternativo (BELO, 2020).

Em um panorama no campo da Psicologia, os avanços tecnológicos possibilitam a ampliação da gama de dispositivos para auxílio de serviços psicológicos por meio de modelos

como a psicoterapia *on-line* e as intervenções realizadas na *internet* (SIQUEIRA; RUSSO 2018).

Certamente, uma das maiores vantagens desses veículos, apontada por pesquisadores, é a acessibilidade e praticidade, inclusive, em locais sem infraestrutura adequada para a assistência e continuidade de serviços psicológicos diversos (PIETA et al., 2015).

É importante ressaltar que o instrumento específico para a realização de atendimentos *on-line* no âmbito clínico, deve contemplar critérios legais de usabilidade como, enquadre de qualidade, velocidade, tamanho de imagem, quadros por segundo e, sobretudo, a garantia de plataformas criptografadas para fins de proteção do sigilo e dos materiais contidos nesse procedimento (SIQUEIRA; RUSSO, 2018).

Não obstante, é necessário localizar, além dos benefícios e direcionamentos legais de instrumentalização desses mediadores como já exposto, as dificuldades compreendidas nessa plataforma de tratamento. Segundo Siqueira e Russo (2018), os psicoterapeutas que realizaram atendimentos mediados por vídeo conferência, relataram problemáticas nesse campo se comparado às terapias presenciais. Os níveis de dificuldades foram: Observação da linguagem corporal; Manutenção dos equipamentos; Confidencialidade e privacidade, uma vez que o suporte adequado não isenta interferências de ações de *hackers*; Artificialidade das imagens e equipamentos que mediam a interação; O foco do paciente no ensejo do tratamento é dificultado; Comunicação pouco espontânea; Dificuldades de estabelecimento da aliança terapêutica, ressaltando que, uma vez conquistada, tal aliança é semelhante ou equivalente à terapia presencial (SIQUEIRA; RUSSO, 2018).

Essas exposições corroboram que, de fato, ainda há limites concernentes a esse modelo, devendo o crivo quanto à inserção desse formato ser rudimentar e embasado em critérios tanto legais (RESOLUÇÃO CFP nº 11/2018) quanto teórico-técnicos previstos pelas direções de tratamento de cada abordagem dentro da Psicologia.

Entende-se que o método e técnicas que subsidiam as intervenções clínicas alteram consideravelmente em relação à teoria que se pretende embasar. Tal diferenciação nos é fundamental, pois implica pensar que há um manejo diferenciado do atendimento a distância relativos às diferentes abordagens teóricas em Psicologia. A análise apresentada por Siqueira e Russo (2018) evidenciou que, grande parte dos estudos desenvolvidos no Brasil e em outros países se respaldaram na Terapia Cognitiva Comportamental (TCC), para intervenções em

contextos clínicos de tratamentos através das tecnologias. Esse fator nos demonstra possíveis dificuldades da aplicabilidade do manejo técnico em Psicanálise por essas estruturas, principalmente no Brasil, pois envolve fatores socioeconômicos no que tange ao acesso à internet adequada.

Sob essa justificativa, cabe questionar: quais índices teóricos fundamentam essa apreciação? Em que medida a Psicanálise nos serve como crítica social aos limites da incorporação maciça das tecnologias, nos modos de relação entre os indivíduos contemporâneos? Posto isso, pretendemos nesse trabalho visualizar possíveis atualizações da configuração do *setting* analítico, mediante ao aparato tecnológico, uma vez que reconhecemos a inevitabilidade da chegada desses formatos na clínica atual, pondo em movimento a elasticidade da técnica em Psicanálise.

Para Luiz Cláudio Figueiredo (2009) Freud possibilitou, durante seu ensino, a abertura para a experiência psicanalítica sobre diferentes meios culturais de aplicação. Com isso, a proposta freudiana é inerentemente fundada para a exploração dos seus pressupostos, adquirindo certa maleabilidade técnica, no que tange a dinâmica das demandas emergentes na clínica em diferentes tempos e épocas. Nessa perspectiva, se considerarmos que as Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs) causam consideráveis efeitos nos modos narrativos dos sujeitos globalizados, perceberemos que se torna indispensável o debate sobre o fazer clínico em Psicanálise, e seus possíveis delineamentos dentro do campo tecnológico.

Mediante ao exposto, objetiva-se compreender como as TICs podem modificar o enquadre e a direção do tratamento em Psicanálise, a partir do relato de experiência de Psicanalistas sobre a demanda de atendimento *on-line*. Nessa diretriz, para melhor abarcarmos o campo teórico em consonância com perspectivas práticas, utilizamos a metodologia de entrevistas semiestruturadas, aplicadas em psicanalistas efetivos do Núcleo Laço Analítico Escola de Psicanálise de Lavras-MG, entre o primeiro e segundo semestre de 2019.

Vale acentuar que esse estudo foi desenvolvido anteriormente a instauração da crise mundial pandêmica que acarretou consequências devastadoras tanto nos níveis econômicos, políticos e sociais quanto no nível de agravamento de quadros em saúde mental da população brasileira, sendo indispensável a mobilização de recursos tecnológicos para viabilização das práticas clínicas como suporte aos profissionais e, principalmente, para o amparo aos pacientes nesse momento delicado. Assim sendo, além da ascensão de solicitações de atendimentos *on-line*, atrelados à esfera globalizada que já estavam em andamento, considera-

se que esse processo foi acelerado devido à crise sanitária, onde se fez necessário rearranjos inéditos para a atualização do *setting* analítico nessa conjuntura.

É importante destacar que a contingência pandêmica é inexoravelmente distinta do curso habitual, em que as demandas de atendimentos *on-line* podem ser vinculadas, visto que se trata de um momento onde as perspectivas para atendimentos presenciais são escassas. Salientamos que esse estudo pretende demonstrar as possibilidades clínicas dessa modalidade, considerando um contexto de curso normal de aplicação, isto é, em um campo onde atendimento *on-line* e presencial são possibilidades concomitantes e concorrentes. Propomos, com isso, uma reflexão sobre perspectivas pós-pandêmicas para a direção do tratamento psicanalítico à distância, sem esgotar suas vicissitudes.

2. MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo teve por objetivo investigar implicações teóricas e práticas, sobre o plano de fundo da Psicanálise, no que diz respeito aos atendimentos exercidos a distância. Para isso, procuramos captar e compreender a posição de Psicanalistas acerca dos aspectos técnicos e éticos relativos à nova modalidade, por meio da realização de entrevistas semiestruturadas.

Mediante a autorização prévia do comitê de ética do UNILAVRAS, sob o número do CAAE: 98029318.9.0000.5116, deu-se início ao processo de aplicação de entrevistas semiestruturadas em psicanalistas do Laço Analítico Escola de Psicanálise Núcleo Lavras MG, entre o primeiro e segundo semestre de 2019. O Laço analítico é uma escola cujo objetivo é acompanhar a formação de Psicanalistas através do fornecimento de seminários pautados nas obras de Sigmund Freud e Jacques Lacan. A escolha por essa escola se deu em função da sua presença na cidade dos autores, sendo a única instituição de formação de psicanalistas existente no local.

A entrevista foi desenvolvida por meio de um conjunto de questões abertas, construídas previamente e elaboradas a partir da revisão teórica que embasou o presente estudo. Essa construção estabeleceu perguntas básicas e avaliativas com o intuito de direcionar a fala dos (as) entrevistados (as) frente à temática (MANZINI, 2004).

Ao observar o campo e a população em que a entrevista seria aplicada, surgiu o questionamento quanto à presença de psicanalistas efetivados no local dado que, parte significativa dos frequentadores da escola de Psicanálise, ainda não havia passado pelo processo de formação, participando somente de seminários fornecidos pela escola.

Para a finalidade do estudo de uma prática clínica delimitada, surgiu a necessidade de criar critérios que permitissem identificar os Psicanalistas presentes no campo. Portanto, fez-se necessária a criação de um mini-questionário baseado em critérios de formação preconizados por Freud (1926/1976) para filtragem da população.

O mini-questionário foi composto a partir de três critérios, são eles: 1) Frequentar análise pessoal com Psicanalista; 2) Estar em supervisão clínica com um Psicanalista; 3) Contato constante com estudos teóricos vinculados a formação na escola (FREUD, 1926/1976). Como critério adicional, considerou-se psicanalistas que tenham um percurso de pelo menos 5 (cinco) anos de formação e experiência clínica.

Sabemos que esse critério de tempo pode ser relativizado, porém, como se trata de um estudo sobre prática clínica, entendemos que o critério de tempo seria um balizador

importante para a inclusão de psicanalistas, com uma experiência clínica prévia. Considerando que boa parte das instituições de formação de analistas no Brasil, mantém cursos com duração entre 2 (dois) e 5 (cinco) anos. Dessa maneira, acreditamos que 5 (cinco) anos de experiência clínica seria um critério razoável a se considerar para inclusão dos participantes no presente estudo, pois, os mesmos já teriam cumprido o período de formação curricular na escola.

Os participantes que não corresponderam aos requisitos de formação foram excluídos dessa pesquisa. Após o rastreamento inicial, obteve-se o total de 4 (quatro) psicanalistas que foram submetidos ao procedimento de entrevista semiestruturada, mediante ao consentimento e autorização dos mesmos através TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

Para apreciação dos materiais coletados, foi utilizado o método de análise do conteúdo de Bardin (1988), por meio do tensionamento entre os relatos dos psicanalistas participantes e o referencial teórico utilizado no presente estudo.

No primeiro momento, analisou-se as transcrições das entrevistas e cada sentido foi alocado numa categoria emergente do relato. Assim, privilegiamos o relato dos participantes, tendo a teoria como plano de fundo da discussão, e não o inverso.

A partir das respostas obtidas nas entrevistas e o entrecruzamento com pilares técnicos da teoria psicanalítica, criou-se as seguintes categorias de análise: 1) Entrevistas Preliminares; 2) Transferência; 3) Posição do Psicanalista (ética). As categorias, observadas e analisadas, foram discutidas a partir do entrecruzamento com a teoria psicanalítica. Portanto, a sessão Resultados e discussões, ordenou-se sobre argumentações teóricas seguidas de articulações com os relatos dos participantes para cada categoria selecionada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O escopo desta sessão versa sobre o emprego dos conteúdos das entrevistas semiestruturadas, para a composição de eixos de análise que auxiliem na apreensão aprofundada da modalidade de atendimento *on-line*, a partir da perspectiva de psicanalistas da cidade de Lavras-MG. Assim, pretendemos, a seguir, tecer construções argumentativas em um desenvolvimento teórico em ressonância com as falas dos participantes, balizando possíveis leituras sobre a prática, técnica, e ética no delineamento da clínica psicanalítica a distância.

A tecnologia, a partir do final do século XX, tem ocupado grande espaço no que tange as relações de trabalho e incorporação na vida dos sujeitos. Os computadores e celulares são expressões frequentes da ascensão da tecnologia em grande parte das relações entre indivíduos. A *internet* conduziu abertura para novos espaços de comunicação, propiciando novos formatos de se trabalhar as palavras, as imagens e os sons. Nesse sentido, é inegável a influência gerada por essas mídias nos consultórios, tendo em vista que os psicanalistas partilham do mesmo contexto histórico e social dos sujeitos globalizados, seja na forma de discurso ou pelo formato de tratamento.

Nóbrega (2015) propõe que o instrumento tecnológico pode ser utilizado como objeto transicional, visto que, o computador e o celular, por estarem sempre próximos ao corpo do paciente, permitem sustentar a separação da família (por exemplo), através da presença virtual do analista, cujo *holding* facilita a ocorrência de uma experiência compartilhada num espaço potencial. Implicando na transformação do tempo e espaço em uma conexão simbólica, através da presença comunicativa entre analisante e psicanalista.

Para a realização desses atendimentos, a autora propõe alguns cuidados para o manejo dessa ferramenta, são eles: Deve-se efetuar entrevistas iniciais de maneira presencial, assim, pretende-se investigar os sintomas e o diagnóstico para, a *posteriori*, analisar viabilidades do atendimento à distância dentro de cada quadro clínico; O paciente deve ter um lugar de total privacidade para que as sessões ocorram sem interrupção, ademais, tanto analista quanto analisante devem possuir instrumento de visualização em uma tela; Deve haver uma boa conexão para ambos instrumentos; O tratamento deve ser apenas para adultos e alguns adolescentes; As crianças não devem participar dessa modalidade bem como pacientes psicóticos graves (NÓBREGA, 2015, p. 146).

Todavia, embora se reconheça o grande avanço no que concerne à praticidade desses meios, não podemos deixar de assinalar as possíveis consequências desses mecanismos para os laços sociais na atualidade, uma vez que a aceleração do tempo e diminuição do espaço são

característica patentes nessa lógica. Na atualidade, se observa uma forte tendência nas relações mercadológicas e sociais mediadas por máquinas sejam estas celulares ou computadores. Ressaltamos que a promessa de facilitação e controle ofertada pelo discurso tecnológico, pode gerar severas consequências para a subjetividade, posto que podem implicar, prioritariamente, os interesses de mercado por meio da aceleração de processos, isto é, manejos imediatistas para a resolução de demandas que visam a praticidade em detrimento a efetividade de um tratamento (CHIARETI, 2016, p.43). Fato é, os ambientes virtuais passam a compor um novo modelo de relação, pois a materialidade do contato físico tradicional como o tato, a linguagem corporal, o olhar e a presença afetiva, encontra-se ausente ou severamente comprometida nessas circunstâncias (BARBOSA *et al*, 2013).

Isto posto, para pensarmos o atendimento *on-line* sobre o plano de fundo da Psicanálise, torna-se indispensável discussões que contemplem a prática de psicanalistas, alinhadas às construções freudianas referentes ao método e a ética da condução do tratamento. Primeiramente, antes de empreendermos as articulações teóricas provenientes das categorias de análise, observou-se um dado pertinente em relação aos relatos dos Psicanalistas participantes: Ao serem questionados se já haviam realizado algum tipo de atendimento à distância, três dos quatro entrevistados, responderam que sim, acrescentando as condições técnicas que viabilizaram essa ação. Tais ponderações serão discutidas a seguir, a partir da análise das três categorias que compõem o presente estudo: Entrevistas Preliminares; Transferência e Posição do Psicanalista (ética).

3.1. As Entrevistas Preliminares

Em *Sobre o Início do Tratamento* (1996/1913) Freud institui algumas recomendações obtidas a partir da clínica, para a prática dos psicanalistas. A princípio, o autor emprega o termo "Tratamento de Ensaio", também denominado "Entrevistas Preliminares" para designar o período inicial do tratamento, que tem como objetivo a verificação se o caso é adequado aos propósitos do tratamento em Psicanálise. Neste momento, o analista realiza uma “sondagem”

(FREUD, 1996/1913, p. 76) com a finalidade de orientação quanto ao diagnóstico do paciente.

Necessariamente, esse ensaio visa o estabelecimento de um diagnóstico, com base na transferência, para a distinção por parte do psicanalista entre neurose, psicose e perversão. Lembremos que Freud considerava o diagnóstico diferencial como um procedimento crucial para o início da análise, pois compreendia que o tratamento psicanalítico se aplicaria somente aos pacientes neuróticos (FREUD, 1996/1913).

As entrevistas preliminares constituem um trabalho anterior à análise propriamente dita. No entanto, embora não se espere uma continuidade do enquadre desse ensaio, o preceito que baliza sua realização também está amparado na associação livre, como regra fundamental para que o tratamento seja empregado (QUINET, 2002). Afirma Freud: “se deixa o paciente falar quase todo o tempo e não se explica nada mais do que o absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo” (FREUD, 1996/1913, p.76).

Nesse mesmo trabalho, Freud indica a importância do tempo e do dinheiro, em se tratando do manejo técnico no início do tratamento. Em relação ao tempo, o autor descreve que suas sessões eram realizadas com cada paciente seis vezes por semana, quanto a isso, é importante ressaltar que embora tal recomendação não seja usual atualmente, sua pertinência reside na hora de trabalho dedicado a cada paciente, isto é, mesmo que ocorra interrupções, esta deve se manter reservada, a fim de implicar ao paciente sua corresponsabilidade sobre o tratamento.

As interrupções prosaicas, como o exemplo das ausências em determinadas sessões, não podem ser prevenidas pelo psicanalista, mas devem ser escutadas como um modo de atuação em transferência endereçada ao mesmo (FREUD, 1996/1913). Além disso, Freud reitera que o trabalho psicanalítico necessita de um longo tempo de duração, posto que implica, além da atemporalidade do inconsciente, o tempo necessário para as elaborações e reconstruções de conflitos, que serão atualizados no sintoma transferencial.

Assim como o tempo, o manejo do dinheiro tem função essencial nesse momento inicial. Freud o estabelece como forte componente da sexualidade dos sujeitos, inteirando que este não deve ser tomado como autopreservação, nem como modo de estabelecimento de poder por parte do analista. Salientando que o analista “não concordar com tal atitude, mas, em seus negócios com os pacientes, a tratar de assuntos de dinheiro com a mesma franqueza natural com que deseja educá-los nas questões relativas à vida sexual” (FREUD, 1996/1913, p. 81). Noção patente se pensada no contexto de atendimento *on-line*, tendo em vista que o formato de pagamento à distância (transferência bancária) deve ser implicado pelo

psicanalista em face ao funcionamento do sintoma e a particularidade da forma como o dinheiro será operado pelo paciente em cada caso.

Uma questão preliminar quanto ao dinheiro diz respeito ao modo como o pagamento será realizado, sendo assim: A transferência bancária vinculada à realidade objetiva, dificulta a transferência pela fantasia? Para todos os efeitos, o dinheiro deve ser tomado como discurso endereçado ao analista, mesmo que pela transferência bancária. Nesse sentido, salienta-se que a dimensão da sexualidade do dinheiro pode advir a partir de outros formatos em um tratamento *on-line*, como, por exemplo, quando o paciente avisa ao analista sobre a data do depósito, como as possíveis interferências dessa operação é tomada pelo paciente, as solicitações de remanejamento bancários, esquecimentos do pagamento na data prevista etc. (BELO, 2020)

São inúmeras possibilidades para a incidência do sexual no manejo do dinheiro virtual em uma análise, sem que o corpo do analista testemunhe sua realização. Todavia, infere-se que o pagamento presencial é insubstituível, pois implica uma relação com a dimensão sensível da experiência na imprevisibilidade do encontro com o analista. Ou seja, em uma espacialidade não controlada sujeita à indeterminação e “embarços” das manifestações do inconsciente (lapsos, sonhos, atos falhos, chistes, sintoma) que, possivelmente, só o encontro presencial pode fornecer.

Fábio Belo (2020) levanta a questão de que "o pagamento virtual pode gerar a sensação de que não se está gastando" (p. 43). Por outro lado, afirma que o valor da moeda, tomada em sua materialidade, já carrega algo de virtual, na medida em que o papel ou a moeda significam virtualmente o que valem, ou seja, a cédula ou o metal não possuem valor em si.

Além do manejo do tempo e do dinheiro, Freud institui a importância do divã que demarca a passagem do início do tratamento para análise propriamente dita. Sua configuração, na qual a poltrona do analista se localiza atrás do divã, é utilizada por Freud para evitar com que as expressões do rosto do psicanalista possam fornecer indicações que influencie o curso narrativo do paciente. Objetivando a viabilização tanto da associação livre quanto da atenção flutuante, na medida em que essas são correlatas à pulsão do olhar em sua relação com a fantasia e transferência. Portanto, Freud parece propor uma redução do visual para privilegiar o campo simbólico da palavra (*talking cure*). Do mesmo modo, promove um convite ao paciente de interrogar sua posição frente ao psicanalista, bem como o lugar em que

este é colocado em relação aos ideais imaginários que devem, via de regra, ser prescindidos em uma análise (FREUD, 1996/1913).

O uso do divã resulta de “impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça, no devido tempo, nitidamente definida como resistência” (FREUD, 1996/1913, p. 83). Aqui reside a importância dada por Freud em escutar as contraposições realizadas pelo paciente referentes ao divã, cabendo ao analista não sucumbir à solicitação de recuo frente a esse lugar, considerando um manejo a partir da técnica da abstinência (QUINET, 2002).

Novamente, essa configuração deve ser levada em consideração para um tratamento propriamente psicanalítico na modalidade *on-line*, tendo como ponto de partida: Como o divã virtual será montado (câmera desligada com pacientes sob transferência, por exemplo)? Quem realizará a chamada para a sessão *on-line*? Nas perspectivas de Fábio Belo (2020), é analisando quem deve realizar a primeira chamada, a fim de se produzir uma vertente simbólica capaz de representar, mesmo que precariamente, a chegada física do analisando no consultório do analista. Contudo, essas recomendações podem ser discutidas caso a caso.

A partir desse recorte, podemos situar a importância das entrevistas preliminares para as primeiras construções do *setting* analítico que é, sobretudo, um lugar simbólico que não se reduz às categorias estéticas. Entretanto, salienta-se que a sensorialidade do encontro presencial entre analista e analisando é insubstituível, cumprindo um papel importante para a composição da função de escuta que irá subsidiar as condições simbólicas da dinâmica transferencial. Noção que deve ser considerada em face a demanda do atendimento a distância.

Em síntese, a forma como o paciente se dirige até a sessão *on-line*, o modo como o dinheiro é conduzido ao analista (transferência bancária), a temporalidade vinculada à duração das sessões, o uso do divã como correlato da pulsão do olhar, entre outros fatores, são diretrizes que devem ser ratificadas e mesmo atualizadas, para as intervenções efetivadas nessa nova modalidade. Em linhas gerais, é a posição do sujeito na fantasia atrelado ao virtual que possibilitará a escuta da estrutura do desejo por estas vias, afinal: "Quanto mais ausente o objeto mais fantasia ele pode mobilizar." (BELO, 2020, p. 63).

A importância das diretrizes iniciais do tratamento, obteve destaque nos relatos contidos nas entrevistas. Os psicanalistas demonstraram consonância com os descritos pilares técnicos indicados nas Entrevistas Preliminares.

Psicanalista 1: *“Então, a psicanálise à distância eu acho um complicador. Primeiro porque é um pressuposto básico da Psicanálise a transferência. E isso se dá devido às entrevistas preliminares ne, na medida em que você vai tendo um contato maior com essa pessoa que procura. Se isso não acontece, e imediatamente já é um atendimento online eu acho que inviabiliza o atendimento”.*

Psicanalista 2: *“Freud deixa muito claro a importância do setting , acho que no texto Recordar Repetir e Elaborar ele fala sobre isso, depois tem uma conferência que ele fala né, da condição simbólica mesmo que o analista ocupa e todo um trabalho que se estabelece do setting constituído em um ambiente físico, eu acho muito mais rico do que mediado por um computador, porque tem toda uma questão do tempo, do dinheiro que é trabalhado, o olhar, até como você recebe, como um paciente entra (no consultório) então tem tudo isso né, o atraso, à falta, isso talvez com o computador... Vai ter um prejuízo né, cairia talvez nessa linha da psicoterapia e não mais da psicanálise, eu acredito que vai ter um prejuízo.”*

Psicanalista 3: *“E a gente observa tudo, como que essa pessoa me achou, como ela chega, como ela diz, tudo ali é importante naquele momento. Talvez isso (demanda de atendimento online) seja, assim, no primeiro momento dificulte um pouco o tratamento”*

Psicanalista 4: *“Eu nunca aceitei casos que comecem assim, então as pessoas já tinham passado pelo meu consultório, já tinham dado essas mostras de atrasar, de enrolar, de fazer certas atuações para o analista que entram na transferência, eu acho que o direto a distância sempre, eu acho muito complicado.”*

As falas dos 4 (quatro) psicanalistas entrevistados evidenciam que, a não-aplicação ou o extravio das recomendações de Freud acerca das Entrevistas Preliminares, comprometem de maneira incisiva a condução de uma análise, pois comprometeria o estabelecimento da transferência. Devendo o crivo quanto à necessidade, ou não, do estabelecimento de entrevistas presenciais prévias, ser considerado em face da demanda para atendimento nessa modalidade.

Alguns trechos das falas do psicanalista 1: *"E isso se dá devido às entrevistas preliminares ne, na medida em que você vai tendo um contato maior com essa pessoa que procura. Se isso não acontece, e imediatamente já é um atendimento online eu acho que inviabiliza o atendimento"*; e do psicanalista 2: *" todo um trabalho que se estabelece do setting constituído em um ambiente físico, eu acho muito mais rico do que mediado por um computador"*, evidenciam um posicionamento que considera a importância tanto do ambiente

físico quanto da corporeidade, para o estabelecimento da transferência nas primeiras entrevistas.

A respeito da corporeidade, Christian Dunker (2018) no prefácio do livro *Psicoterapia On-line* (SIQUEIRA; RUSSO 2018), afirma que abordagens que valorizam a transferência e a qualidade da relação interpessoal como um fator determinante para a cura, vão encontrar mais dificuldades no ambiente *on-line*. Tais dificuldades podem ser de diversas ordens como: "alterações na experiência de si próprio e na percepção do outro, quando ele se acha reduzido ao tamanho e à dimensão de uma imagem (p. 14)"; "redução das respostas do paciente e das apreciações periféricas que ele tem da situação" (p. 15); Bem como problemas relativos à preservação do sigilo e à confidencialidade em um ambiente passível de interferências externas como a invasão de *hackers*.

Com base nessa discussão, percebemos que as preocupações dos psicanalistas entrevistados encontram ressonâncias na discussão teórica sobre psicanálise *on-line*. A precaução assinalada pelo psicanalista 4 (quatro), em não aceitar que os pacientes iniciem uma análise *on-line* sem ter um encontro presencial, pode ser um balizador interessante a ser utilizado, quando houver a possibilidade. Apesar disso, consideramos que algumas pessoas, em função de diversas condições pessoais e até mesmo de ordem socioeconômica, podem enfrentar dificuldades em relação a uma condição de presencialidade prévia ao tratamento *on-line*. Pensemos, por exemplo, em pacientes residentes em regiões interioranas, onde não há psicanalistas.

O manejo em situações de sofrimento intenso também se reduz no ambiente virtual, por exemplo, gestos simples como entregar um lenço de papel para alguém que está chorando são comprometidos na virtualidade. Assim como parece haver uma redução na dimensão do ato em análise, o que compromete diretamente a escuta, como aponta o psicanalista 3.

Todos esses dispositivos dizem respeito à constituição da função transferencial, como ponto de diferenciação entre as entrevistas preliminares e a análise propriamente dita. Assim, tais diretrizes freudianas apontam, indubitavelmente, para as demandas endereçadas ao lugar do analista, em tal alcance, que Freud a situa como principal foco do tratamento. Pontuando que é necessário se conceber um tempo para seu estabelecimento e o devido cuidado quanto às interpretações e o manejo das resistências localizadas a princípio.

3.2. A Transferência

Destaca-se que no texto *A dinâmica da transferência* (1912), Freud considerava a transferência somente como resistência imposta à cura devido às reedições das moções

(conflitos) infantis sobre a figura do médico (psicanalista). Entretanto, no trabalho de 1913, esse conceito é relocado como rede basilar para que o tratamento ocorra, sendo a via pela qual o analista deve operar (FREUD, 1996/1913)

Deriva daí que o saber inconsciente e sua relação com o recalado só pode ser sustentado a partir do suporte transferencial, seu efeito resulta da intensidade de investimento depositado sobre a figura do analista. A transferência manejada pelo método de abstinência, que consiste na recusa do analista às demandas substitutivas dos desejos não realizados que recaem sobre o tratamento (FREUD, 2017/1919), conduz a superação das resistências e repetições, possibilitando o engendramento de novas ligações e reposicionamento do analisando frente ao sintoma.

Considera Freud: “O paciente, contudo, só faz uso da instrução na medida em que é induzido a fazê-lo pela transferência; é por esta razão que nossa primeira comunicação deve ser retida até que uma forte transferência se tenha estabelecido” (FREUD 1996/1913, p.89). Logo, uma das funções iniciais do tratamento reside na intensificação da transferência dirigida ao analista para que, a *posteriori*, seus efeitos sejam elaborados durante o tratamento. Não obstante, o tratamento exclusivamente *on-line*, sem sessões presenciais prévias, sustentaria um manejo técnico capaz de intervir em possíveis intensificações sintomáticas contidas no início?

Chama-se a atenção para a obra *Recordar, Repetir e Elaborar* (1914/1996) em que o pai da Psicanálise atribui o conceito de transferência ao de repetição, decorre-se, portanto, que o paciente não promove a recordação dos conteúdos recalados, mas incorpora-os como modo de atuação na relação com o analista. Nesse sentido, ao invés de se lembrar, o recalado se inscreve pela via da repetição em ato a partir da transferência.

A relação entre transferência, repetição e resistência implica pensar o modo como o conflito é atualizado em uma análise, nas palavras de Freud: “Quanto maior a resistência, mais extensivamente a atuação (*acting out*) (repetição) substituirá o recordar” (FREUD, 1914/1996, p.93). Ora, o paciente repete sob as condições da resistência o conflito psíquico pela via transferencial. O conceito de repetição situa, a partir da transferência, o marco e a condição de entrada em uma análise, reitera Freud: “Antes de mais nada, o paciente começará seu tratamento por uma repetição deste tipo” (FREUD, 1914/1996, p. 93).

Nessa perspectiva, o início de uma análise procede de uma mudança de posição do paciente em relação ao seu sintoma, ao fazer-se reconhecer neste as motivações inconscientes anteriormente dominadas e negadas pelo recalado. Tal reconhecimento não se designa

necessariamente no acesso ao conflito no nível consciente, mas correlaciona-se diretamente com a atuação como modo de recordar (FREUD, 1914/1996).

É através desta política que todo início do tratamento consiste no aumento de intensidade quanto à transferência e, conseqüentemente, quanto ao conflito psíquico, dado que acentua o sintoma antes não evidenciado pelo paciente. Neste cenário, a transferência surge como sinalização que dirigirá às intervenções do analista, constituindo um campo intermediária de transição entre sintoma cotidiana e sintoma transferencial. Tem-se, portanto, a criação de uma vertente artificial em que o analista é capaz de operar, situa Freud (1996/1914, p.96):

Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma 'neurose de transferência', da qual pode ser curado pelo trabalho terapêutico.

Portanto, o início de uma análise versa sobre a transformação de uma queixa em uma demanda vinculada ao analista, havendo uma modificação entre uma demanda transitiva atribuída a uma necessidade de cura ou remoção de sintomas, para uma demanda intransitiva correspondente ao enigma do sintoma que é transmutado como suposição de saber ao analista. Em síntese, a entrada em uma análise não se dá pela via da resposta, mas no modo como o sintoma será questionado pelo paciente (QUINET, 2002). Desta maneira, a importância da transferência reside na presentificação da realidade inconsciente, é somente pelo acesso a atuação, a repetição e a resistência que o analista pode escutar a estrutura do desejo inscrita nas formações do inconsciente e no sintoma.

Nesse sentido, podemos questionar: No contexto de atendimento excepcionalmente à distância, é possível um tratamento sem o estabelecimento prévio da transferência de modo presencial? Frente a este pressuposto fundamental, se pode inferir que a transferência deve ser condição e bússola para a intervenção do analista quanto a solicitação de atendimentos nesta modalidade. Este índice surge com ênfase nas falas dos psicanalistas entrevistados como um fator que deve estruturar a escuta do inconsciente, sendo o nível mais recorrente dos conteúdos contidos nas entrevistas. Demonstraremos alguns exemplos nas seguintes expressões:

Psicanalista 1: *“Se depois de um tempo com você, transferência estabelecida e essa pessoa realmente estiver em trabalho, porque nem sempre quem está em um consultório está em trabalho ne, se esse trabalho já estiver em andamento talvez sim, por algum motivo possa*

se fazer esse atendimento a distância ou por telefone ou por skype, mas, com a prévia de que esse paciente já esteve com você e que essa transferência já esteja estabelecida”

Psicanalista 2: *“Então esse meio termo aí de utilizar nesse caso que eu falei, como já tem uma transferência estabelecida, num caso esporádico, temporário, elaborando um luto dessa transferência”*

Psicanalista 3: *“Para acontecer um tratamento precisa ter a transferência, mas ela as vezes é estabelecida por uma indicação, as vezes você vai procurar um profissional porque alguém que você tem um certo conhecimento, gosta, então já tem algum ponto ali”*

Psicanalista 4: *“Em outras formas de construção eu acho possível sim, depois que você constrói uma transferência, e acontece às vezes os pacientes mudam de cidade às vezes precisam continuar né.”*

Para refletirmos sobre os posicionamentos dos 4 (quatro) analistas entrevistados, acerca da transferência no atendimento *on-line*, uma via interessante seria o tensionamento das falas do psicanalista 1 (um) e do psicanalista 3 (três). O psicanalista 1 (um) considera que a presencialidade é uma condição para o estabelecimento da transferência: *“por algum motivo possa se fazer esse atendimento à distância ou por telefone ou por skype, mas, com a prévia de que esse paciente já esteve com você e que essa transferência já esteja estabelecida”*. E o psicanalista 3 (três), evidencia que algo da transferência já se estabelece antes do primeiro encontro entre analista e paciente: *“Para acontecer um tratamento precisa ter a transferência, mas ela às vezes é estabelecida por uma indicação”*.

O entrecruzamento das falas dos analistas aponta para a questão da presencialidade como condição *sine qua non*, para o estabelecimento da transferência. Se muitos pacientes já desenvolvem um primeiro lampejo de transferência antes da primeira sessão, podemos pensar que a presencialidade facilita o estabelecimento da transferência, porém, até que ponto se mostra imprescindível?

Fabio Belo (2020) aponta um caminho para refletir sobre este questionamento ao abordar *“a sessão analítica como um espaço no qual o processo primário possa ter prioridade”* (p. 78), ressaltando que tal espaço não precisa ser, necessariamente, presencial. Afinal, ele é configurado pelas ações e construção da função de escuta do analista.

Mediante a isso, foi possível demonstrar alguns dispositivos técnicos que devem ser levadas em conta em ocasião a demanda de atendimento à distância. Tais diretrizes, como

salienta Freud, atuam como recomendações e não como regras rígidas ao tratamento, a única regra fundada pelo autor diz respeito a associação livre. O atendimento *on-line* é uma modalidade possível de ser viabilizada pela escuta analítica, contudo, sua aplicação deve respeitar dispositivos do campo técnico, devendo resguardar, via de regra, a abertura do inconsciente pela associação livre e sua atualização na transferência.

Conforme aponta Fábio Belo (2020), alguns estudos em Psicanálise recomendam que se realize atendimentos presenciais sempre que possível. Por outro lado, o autor situa a importância em não se idealizar o *setting* clínico e os fazeres em Psicanálise, ponderando a necessidade de uma reflexão pormenorizada quanto a viabilidade da elasticidade técnica que este enquadre pode comportar. Inclusive, traz exemplos expressivos contidos na própria história psicanalítica ao situar a relevância das experiências de supervisões a distância (cartas) fornecidas por Freud, que possibilitaram, mesmo que precariamente, o trabalho concernente ao ensino e transmissão em Psicanálise.

É infecundo pensar a isenção do analista frente à nova demanda. Posto isso, reivindicar o inconsciente freudiano na contemporaneidade é, sobretudo, situar o a posição do sujeito que demanda o tratamento por esta via. A justificativa de neutralidade, formalismo e ortodoxia oriundo de critérios estéticos de *setting*, nos parece expressar uma psicanálise afastada do comprometimento ético que situa o sujeito como efeito histórico e social de seu tempo. Contudo, como demonstrado pelos psicanalistas participantes deste estudo, para pensar as possibilidades do enquadre psicanalítico no virtual, se faz indispensável situar as diretrizes freudianas da composição da função de escuta, tendo na transferência seu fundamento direcionador para a elasticidade técnica em Psicanálise.

3.3. Posição do Analista (ética)

É importante pensar sobre as consequências do uso maciço das tecnologias e seus impactos na clínica, sobretudo, em relação a subjetividade e seus impasses concernentes ao tempo, espaço e o encontro com o outro na contemporaneidade. A dinâmica do sujeito frente ao universo instrumental incomensurável das tecnologias pode ser minimamente problematizado sobre como o afeto se veicula a estes objetos e até que ponto as palavras, as imagens e os espaços virtuais são capazes de representá-lo. Lembremos que estas experiências não “substituem o contato físico a experiência do tato, da audição, a linguagem corporal, o ritmo respiratório, o olhar e a presença afetiva, que exigem tempo e espaço para se materializar.” (BARBOSA; et al., 2013, p.65). Aqui reside a importância de questionar os meios em que o

atendimento on-line está atrelado, visto que o discurso tecnológico, por vezes, se edifica através dos ideais globalizados (capitalista) de eficácia e praticidade, podendo comprometer a efetividade de um tratamento.

Discussão que foi incorporada na categoria de análise “Posição do Psicanalista” contidas nas entrevistas, onde estes se pautaram em aspectos éticos da teoria, situando a importância da reflexão e questionamento em relação a naturalização do ideais tecnológicos globalizados e os interesses de mercado que o atendimento *on-line* pode, por vezes, abarcar. Desta maneira, a terceira categoria de análise, rastreou as seguintes expressões:

Psicanalista 1: *“Então eu acho assim, tem que estar atendo a cultura sim, porque as modificações são pertinentes, e acontecem mesmo, mas eu acho que há um excesso. E eu acho que às vezes esse excesso cai na banalidade, e talvez uma sessão de análise possa estar caindo nessa banalidade ai dessa coisa fluida da modernidade sem vínculos, sem laços, o que o Bauman diz do amor líquido, que tudo é líquido, que tudo é fluido. Eu acho que a terapia ou a psicanálise online caia nesse contexto, desse fluido, dessa falta de laço dessa falta de vínculo. Então, assim, a cultura é interessante sim, mas eu não abriria mão de estar frente a frente com uma pessoa”*

Psicanalista 2: *“Eu acho que é muito diferente isso que eu acabei de relatar do que eu acolher um paciente, porque eu acredito que se uma pessoa se considerar realmente Psicanalista não vai atender esta demanda, porque se acolher ele vai entrar em uma cadeia de consumo que é o clicar, o que eu percebo, em se tratando de tecnologia, eu penso o seguinte nada é tão bom que você possa acolher totalmente como a solução e nada tão ruim como o que você possa dizer, banalizar e não usar”*

Psicanalista 3: *“Nós vamos conhecer isso, porque olha para você ver Freud quando começou a análise era todo dia, tinha um jeito de fazer... Aí isso foi mudando... O tempo, é lógico, as coisas vão mudando, o momento... Então chegou isso agora, a gente dizer isso não vai dar certo, não vai acontecer, e deixar isso de lado não vai... Agora, a gente precisa procurar então descobrir qual é o nosso lugar [...] nós não podemos deixar de botar o sujeito a trabalho... o que ele quer dizer com isso? Talvez dê, talvez funcione...”*

Psicanalista 4: *“Eu acho que essa é uma questão que eu nunca fecho completamente, quer dizer, qual que será o efeito de não ter corpo presente ali, Lacan diz que o analista tem corpo, tem mamas né e que corpo presente faz algum efeito, se houver mesmo fechar esse*

feito (o corpo presente) ele se perde nesse tipo de atendimento. Normalmente eu não mantenho isso por longo tempo, é um caso excepcional que o cliente mudou... [...] Eu acho que vai ter que pensar caso a caso”

Para Otero e Fucks (2012) a cartografia do virtual proposta pelo teórico Zygmunt Bauman, denota a liquidez dos vínculos sociais na atualidade. A flexibilização do espaço e do tempo faz com que indivíduos optem prioritariamente por relacionamentos em rede, surgindo como modelo de interação que parece velar as intemperes que o cotidiano impõe, principalmente, no encontro com a alteridade do outro inegavelmente marcada pela experiência de imprevisibilidade que não se pode controlar ou evitar, exceto no ambiente controlado que o virtual pressupõe. Nesse sentido, a era digital expõe não somente os ideais dos indivíduos, mas suas vulnerabilidades frente à experiência do encontro sensorial com o outro e aquilo que dela se extrai.

Nesse cenário, a comunicação plurilocalizada, imediata e móvel surge como um facilitador que rompe com as barreiras materiais, sendo um novo modo de pertencimento articulado integralmente a partir dos bancos de dados, da transmissão e dos símbolos eletrônicos indissociados da tela dos computadores ou celulares (OTERO; FUKS, 2012). Aqui reside a importância ética da clínica psicanalítica, pois esta se funda na contramão de discursos universalistas que visam a saturação dos veículos de subjetivação, seja na lógica diagnóstica contemporânea seja nas estruturas de regulação dos modos como a demanda de tratamento podem ser vinculadas na prática clínica (DUNKER, 2014).

Assim, destacamos que o uso das tecnologias na clínica não deve ser atribuído à aplicação indiscriminada, na medida em que também demarca impasses frente às formas de subjetivação e reinvenção da intimidade dos laços sociais na atualidade. Como reitera Christian Dunker (2018) no prefácio do livro *Psicoterapia on-line* de Siqueira e Russo (2018), este terreno implica cautelas para a clínica psicanalítica, na medida em que altera a experiência de “si próprio e da percepção do outro quando ele aparece reduzido ao tamanho e à dimensão de uma imagem” (DUNKER, 2026, p.15). Não somente, os imperativos para os modos de relação na era digital afeta os complexos discursivos e suas articulações enunciativas, que podem dificultar determinadas operações psíquicas vinculadas a experiência da fala através do corpo pulsional. Portanto, a psicanálise como crítica a sujeição social em face as disciplinas universalizantes opera pela via do anti-idealismo, questionando os limites e possibilidades dos espaços virtuais de linguagem e emergência subjetiva contemporânea.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, buscou-se neste estudo decorrer as incidências técnicas e possíveis reflexões quanto ao manejo de uma clínica psicanalítica aplicada a modalidade de atendimento *on-line*, sem esgotar suas vicissitudes. Ratificamos que a bússola para intervenções neste âmbito deve ser tomada a partir da constituição da função transferencial, instância que compõe o maior desafio para a prática dos psicanalistas neste cenário, levando-nos a deixar seu estatuto em aberto: É possível uma clínica integralmente *on-line* sem a presença concreta do corpo para perspectivas futuras em Psicanálise?

Reforça-se a viabilidade do atendimento à distância nesta abordagem visto que seu enquadre independe de categorias estéticas, ponderando que este não seja atribuída às condições disciplinares e universalizantes que todo ideal social vincula. Como pode-se observar, os psicanalista participantes deste estudo operam sobre a via da indagação e reflexão ética, que não forja, e reconhece, os efeitos das tecnologias no modo de operar o sintoma no contemporâneo, enfatizando a escuta dos impasses inerentes ao se reivindicar o inconsciente freudiano em diferentes tempos e épocas.

Na contramão da massificação de disciplinas tecnológicas, a Psicanálise escuta a subjetividade de sua época sem, no entanto, deixar de apontar a inadequação do desejo aos ideais sociais globalizados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARBOSA, A; FURTADO, A; FRANCO, A; BERINO, C; PEREIRA, C; ARREGUY, M; BARROS, M. As novas tecnologias de comunicação: questões para a clínica psicanalítica. **Cad. De Psicanálise**. – **CRPJ**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 29, p.59-75, 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a04.pdf>> Acessado em: 14 abr 2020.

BELO, F. **Clínica Psicanalítica on-line: breves apontamentos sobre atendimento virtual**. São Paulo: Zagodoni, 2020.

CONSELHO, Federal de Psicologia. **RESOLUÇÃO Nº 11, DE 11 DE MAIO DE 2018**. Disponível em:< <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/05/RESOLU%C3%87%C3%83O-N%C2%BA-11-DE-11-DE-MAIO-DE-2018.pdf>> Acessado em: 10 Fev 2020.

CHIARETTI, P. Discurso, subjetividade e novas tecnologias: você, sem fronteiras. **Revista Rua**, Campinas, v.1, n. 22, p.33-44, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8646065/13208>> Acessado em: 14 agos. 2019.

DUNKER, C. Questões entre a Psicanálise e o DSM. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 47, n. 87, p.79-107, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000200006>. Acesso em: 27 set. 2019.

FIGUEIREDO, L. A psicanálise e a clínica contemporânea. **Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n. 07, p.9-17, 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo202.pdf>> Acessado em: 20 out. 2019.

FREUD, S. A dinâmica da transferência (1912). In: O caso Schreeber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

FREUD, S. Recordar, Repetir e Elaborar (1914). In: O caso Schreeber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

FREUD, S. Sobre o início do tratamento (1913). In: O caso Schreeber, Artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913) **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XII.

FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1919[1918]). In: **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017 (Col. Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. A questão da análise leiga (1926). In: Um estudo autobiográfico; Inibições, Sintomas e Ansiedades, Análise leiga e outros trabalhos (1925-1926). **Edição standard**

brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XX.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios do seu poder (1958). **Escritos.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

MANZINI, E. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. **Seminário internacional sobre pesquisa qualitativa em debate**, Bauru, 2004. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf> Acessado em 25 set 2019.

NÓBREGA, S. Psicanálise online - Finalmente saindo do armário? **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 44, p.145-150, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372015000200016> Acessado em: 21 jan. 2020.

OTERO, C.; FUCKS, B.B. A internet e a reinvenção de si. **Polêmica**, v. 11, n. 2, p.193-211, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/3092>> Acessado em: 12 jan 2020.
PIETA, M., A; SIEGMUND, G; GOMES, W; GAUER, G. Desenvolvimento de protocolos para acompanhamento de psicoterapia pela Internet. **Contextos Clínic**, São Leopoldo, v.8, n.2, p.129-140, 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822015000200003> Acessado em: 13 jan. 2020.

QUINET, Antônio. A. **As 4+1 Condições da análise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

RÜDIGER, F. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. **Fronteiras – estudos midiáticos.** Rio Grande do Sul, v.14, n. 2, p. 156- 163, 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.09>> Acessado em: 05 Fev. 2020.

SIQUEIRA, C; RUSSO, M. **Psicoterapia on-line.** São Paulo: Zagodoni, 2018.

ANEXOS



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: Das fronteiras do Divã: Algumas reflexões sobre a Psicanálise e o atendimento à distância.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 6			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Magali Milene Silva			
6. CPF: 041.493.376-16	7. Endereço (Rua, n.º): Alameda dos Ipeass, 311 Centro cond. Jd das Palmeiras LAVRAS MINAS GERAIS 37200000		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (35) 3826-5230	10. Outro Telefone:	11. Email: magalimilene@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> <p style="text-align: center;">Data: <u>31</u> / <u>08</u> / <u>2018</u></p> <p style="text-align: right;"><i>Magali Milene Silva</i> Assinatura</p>			
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Fundação Educacional de Lavras-MG/Centro Universitário de Lavras - UNILAVRAS		13. CNPJ: 22.075.444/0001-29	14. Unidade/Órgão:
15. Telefone: (35) 3694-8153	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p> <p>Responsável: <u>Cássio Vicente Pereira</u> CPF: <u>962.334.266-53</u></p> <p>Cargo/Função: <u>Pró-reitor acadêmico</u></p> <p style="text-align: center;">Data: <u>03</u> / <u>09</u> / <u>18</u></p> <p style="text-align: right;">Prof. Cássio Vicente Pereira Pró-Reitor Acadêmico <i>Cássio Vicente Pereira</i> Assinatura</p>			
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			